

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS!



O 5 de Outubro AS «ELEIÇÕES» PARA AS JUNTAS DE FREGUESIA e a luta por objectivos concretos e imediatos

As comemorações de datas históricas de carácter popular e progressista só têm razão de ser se parte para elas com o objectivo claro e determinado de extrair das mesmas motivos de crítica acerada à política do regime nos seus variados aspectos, político, económico e social, e de combate por objectivos concretos e imediatos, pela liberdade.

A preparação de medidas práticas para a participação das forças democráticas nas «eleições» das Juntas de Freguesia naquelas zonas ou regiões onde a correlação de forças existentes o aconselhem, como constituição de Comissões democráticas eleitorais, elaboração de listas na base de um programa de reivindicações bem preciso, montagem de aparelhos de propaganda, mobilização das massas para participarem na acção, é tarefa que não pode deixar de estar presente na preparação das comemorações do 5 de Outubro.

Não podem estar ausentes da preparação destas comemorações os problemas da censura e da luta

pela liberdade de expressão do pensamento; da repressão e das medidas práticas de acção para lhe barrar o caminho; da amnistia geral e das formas práticas de actualização dos democratas para levar sempre para diante a luta das massas populares por este objectivo; das celeradas «medidas de segurança» e dos caminhos a trilhar para obter a sua abolição; da carestia da vida e das formas de acção a empreender para lhe fazer frente; da guerra colonial, das suas consequências desastrosas para o País e o povo português e das vias a seguir para debater o problema, esclarecer, protestar e combater efectivamente contra ela no terreno legal e semi-legal.

Tais são alguns problemas e tarefas que os democratas, e em primeiro lugar os comunistas, não podem deixar de ter bem presentes nas comemorações do 5 de Outubro e para além delas.

Comemorações de datas progressistas desligadas das realidades actuais não têm qualquer significado político válido.

Face à ofensiva de patronato e do governo LEVAR POR DIANTE O MOVIMENTO SINDICAL

Com a prisão do dirigente sindical Daniel Cabrita, o encerramento das sedes dos Sindicatos dos Bancários de Lisboa e Porto, a destituição das direcções eleitas e a imposição de Comissões Administrativas nos mesmos Sindicatos, o governo de Caetano, em obediência servil aos seus patrões banqueiros, não visava apenas jugular a justa luta dos bancários; procurava intimidar as direcções honestas e as massas trabalhadoras nos outros Sindicatos, paralisar e finalmente fazer retroceder o movimento sindical, despejando as suas árduas conquistas, aniquilá-lo.

Porém, as manifestações de rua, o «luto», as paralisações e outras acções massivas de protesto dos bancários de Lisboa e Porto, a pronta solidariedade de que foram alvo da parte de outros sec-

tores profissionais e o nível de combatividade e firmeza alcançada pela acção dos trabalhadores nos outros Sindicatos mostram que as massas trabalhadoras não estão dispostas a permitir que os Sindicatos voltem ao antigo rumo, que saberão defender os frutos da sua dura luta e caminharão sempre, em frente, para novas conquistas.

Liberdade para os dirigentes presos!

As manifestações de rua de Lisboa e Porto, violentamente reprimidas pela polícia de choque, tiveram a presença e a participação solidária de centenas de trabalhadores de outras profissões, que reclamavam a libertação do dirigente sindical Daniel Cabrita.

Porém, outros dirigentes sindi-

cais foram presos pela Pide-DGS e têm estado a ser torturados por esta sinistra polícia por defenderem com ardor os interesses dos trabalhadores que neles confiaram. Manuel Candeias, substituto da direcção suspensa do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa; Maria Júlia, membro da direcção do Sindicato dos Caixeiros de Lisboa, António dos Santos, do Sindicato dos Jornalistas e outros, tal como Daniel Cabrita, devem ser imediatamente libertados.

Na mesma frente de luta, adiante para novas acções solidárias!

Fora com as Comissões Administrativas e com os traidores!

A ofensiva brutal desencadeada pelo patronato e o governo sobre
(cont. na 4ª pág.)

António Gervásio nas mãos da PIDE

A SUA VIDA CORRE GRAVE PERIGO

Preso pela terceira vez e cerca de dez anos após ter participado na heroica fuga de Caxias, no carro blindado do ditador Salazar, António Gervásio voltou a cair nas mãos dos criminosos da Pide-DGS.

Tendo dedicado à causa dos trabalhadores da cidade e do campo, à causa do seu Partido, toda a sua vida, António Gervásio, membro do Comité Central do PCP, constitui um exemplo de firmeza e de coerência revolucionária. Esta coerência e firmeza têm-lhe grangeado um ódio especial por parte do fascismo e dos seus esbirros policiais. A Pide-DGS, tal como foi já assinalado em manifesto da Comissão Executiva do C.C., está a descarregar sobre o camarada António Gervásio todo o seu ódio, o que faz recetar pela sua preciosa vida.

Há, pois, fundadas razões para temer o pior.

O PCP chama a classe operária, todos os trabalhadores, todos os democratas e patriotas para que tomem nas suas mãos a defesa de António Gervásio, protestando maciçamente contra as torturas a que está a ser submetido este destacado militante operário.

Que por todo o lado se organize a luta e se ponham em marcha acções contra a repressão, contra as torturas policiais, pela amnistia e pela libertação dos presos políticos.

Que se exija assistência jurídica aos presos políticos durante os interrogatórios.

Que se intensifique pelas mais variadas formas a solidariedade aos presos políticos e suas famílias!

CONTRA A CARESTIA DA VIDA organizar a acção das massas

Como fazer face à carestia da vida?

Esta é uma pergunta angustiante que as donas de casa das classes e camadas populares fazem a si próprias todos os dias. Ir às compras tornou-se para elas um autêntico calvário, pois nunca estão seguras de trazer com o mesmo dinheiro a mesma quantidade de artigos que trouxeram na véspera.

De facto os preços dos artigos mais necessários à vida sobem quase diariamente. Apenas os preços de artigos agrícolas chamados de estação estão oscilantes: ora descem um pouco para logo subi-

rem em flecha. A fruta, por exemplo, que em Junho atinge preços de 20\$00 e 24\$00 o quilo para as maçãs, 20\$00 para os pêssegos, 13\$00, 19\$00 e mais para as peras e ameixas, baixa um pouco em Agosto e Setembro, para em Outubro vir sem dúvida a atingir preços iguais ou superiores. Chega a parecer mentira que no mês de Julho se tenha de pagar 18\$00 por um quilo de pepino e 40\$00 por um quilo de pimentos. O mesmo se passa com as hortaliças.

Com o peixe sucede, por vezes, subir hoje dois degraus para amanhã descer um e logo no dia seguinte subir num lance meia dúzia deles. Mesmo a pescada congelada escasseia de vez em quando dando lugar ao encarecimento de alguns escudos em quilo ou à sua transformação em filetes, ao preço de 35\$00 em vez de 14\$00 ou 16\$00 inteira. A pescada fresca miúda e média saltou para os 26, 30, 35, 38 e 39 escudos e para os 44, 60, 72\$50 e até 90\$00 o quilo a mais crescida. A reles faneca chegou já aos 25\$00 e uma simples sardinha a 2\$00 (!), enquanto o carapau pequeno atinge os 30\$00 o quilo (!). O bacalhau que ainda há pouco se pagava a 24\$00 e 26\$00, paga-se agora a 34\$00 e 38\$00, mas o de melhor qualidade custa 40, 50 e mesmo mais escudos o quilo (!).

A carne, uma vez por isto outra vez por aquilo, lá vai subindo oficialmente, oscilando os preços entre 36\$00 e 70\$00.

O arroz agulha pulou de 12\$50 para 19 e 20\$00 a embalagem de um quilo e um litro de azeite com 0,6 de acidez chegou aos 30\$00.

Em Lisboa, a água e o aluguer dos contadores sofreram um aumento de 50%. Em várias locali-
(cont. na 2ª pág.)

O ACORDO SOBRE BERLIM E A SEGURANÇA EUROPEIA

O acórdão alcançado sobre Berlim pelos representantes da União Soviética, Estados Unidos, França e Inglaterra deve ser considerado como uma importante vitória das forças da paz, não só da Europa, mas também do mundo.

De centro de provocações belicistas dos círculos imperialistas e dos revanchistas oeste alemães durante 26 anos, Berlim pode bem tornar-se num ponto de partida para novos desenvolvimentos políticos e diplomáticos num sentido favorável à segurança europeia e à consolidação da paz.

O reconhecimento na prática da existência da República Democrática Alemã como Estado independente não representa apenas o reconhecimento de uma realidade histórica, embora dura de roer para os círculos imperialistas e revanchistas da Alemanha Federal, que nunca deixaram nem deixam de sonhar com o desaparecimento do primeiro Estado socialista alemão e com uma Alemanha com as fronteiras de 1939, visando novas aventuras guerreiras; representa também um importante factor de paz na Europa.

Com a conclusão do acordo sobre Berlim fica aberto o caminho para a ratificação dos tratados recentemente concluídos entre a URSS e a Polónia com a República Federal Alemã e a realização duma Conferência de Estados para a Segurança Europeia que, a terem lugar dentro de um período relativamente curto, representarão uma autêntica viragem na política europeia, favorável à paz e ao progresso dos povos.

As perspectivas favoráveis à consolidação da paz e à segurança na Europa que agora se abrem não são fruto da casualidade e muito menos da boa vontade dos círculos governantes dos Estados Unidos, Inglaterra, França e Re-

pública Federal Alemã. São, sim o resultado duma consequente e firme política de paz prosseguida pela União Soviética e os outros países socialistas, do poderio crescente da comunidade socialista, da luta abnegada das forças da paz e anti-imperialistas de todos os continentes, duma realidade histórica que não pode mais ser ignorada.

A vigilância e actividade das forças progressistas e da paz na Europa e no mundo não podem no entanto abrandar. Pelo contrário, devem intensificar-se a todos os níveis porquanto não só o imperialismo incubador de guerra continua a ser uma realidade, como as forças da guerra e da reacção não deixam de manobrar em todo o mundo contra os países socialistas, contra a liberdade dos povos e a paz.

Os meios governantes fascistas e colonialistas portugueses escondem mal o seu descontentamento pela conclusão do acordo de Berlim. Isso é assim porque eles vêem na tensão internacional um factor favorável à sua política antidemocrática e antipopular e, em especial à sua política colonial, de guerra, contra os povos de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. A curto prazo, parece ser assim mas nada, absolutamente nada no mundo poderá evitar o desmoronamento dos restos do sistema colonial do imperialismo: a derrota dos colonialistas portugueses e a consequente libertação e acesso à independência dos povos das colónias portuguesas.

Por isso, a luta pelo derrubamento do regime fascista e colonialista que impera em Portugal tem assim no imediato um duplo sentido: a conquista da liberdade política e a transformação de Portugal num factor de paz na Europa e no mundo.

Ajudemos a salvar a vida de ANGELA DAVIS!

Uma atmosfera de densas ameaças paira sobre a vida desta corajosa comunista e abnegada lutadora pelos direitos cívicos da população negra nos Estados Unidos.

O seu julgamento, marcado para o dia 27 de Setembro, foi antecedido pelo vil assassinato do seu companheiro de luta, Georges Jackson, na véspera de ser julgado. Georges Jackson estava preso há 11 anos embora condenado a um, sob a falsa acusação de assassinato de um guarda da prisão.

Os gangsters racistas norte-americanos, sob a égide reaccionária do governador fascista da Califórnia, Ronald Reagan, e do assassino Nixon, tiveram medo que este julgamento pusesse a nu a sua monstruosa conspiração anti-comunista e antirracista com vista à liquidação de destacados militantes entre os quais se encontra ANGELA DAVIS.

Sob a falsa acusação de cumplicidade com Georges Jackson, a vida desta valorosa militante comunista está mais do que nunca em pe-

rigo, tanto mais que os seus esbirros têm por eles a reaccionária legislação californiana que prevê para o delito de que foi acusada, a aplicação da pena capital, a câmara de gás.

Pelo «crime» de terem lutado com ardor pelos direitos cívicos da população negra na «livre» América, nos últimos três anos foram ali assassinados 40 negros!

Com milhões de vozes que no mundo inteiro reclamam que a vida de Angela Davis seja salva, façamos chegar rapidamente o nosso grito solidário à Embaixada e aos Consulados dos Estados Unidos no nosso País e directamente a Nixon. Em abaixo-assinados, cartas, telegramas, telefonemas e outras formas de acção exijamos:

Que a vida de Angela Davis seja salva!

Liberdade para Angela Davis e para os seus companheiros!

A crise do dólar A CRISE DO CAPITALISMO

O estampido provocado pela crise do dólar e pelas consequentes medidas unilaterais tomadas pelo governo norte-americano para enfrentar a crise financeira e económica que abala os Estados Unidos, provocaram o alarme entre os seus parceiros nos blocos militares e económicos que engendraram.

Costuma dizer-se que o medo guarda a vinha, e neste caso também assim é. A crise do dólar nas condições em que se processa não pode ser considerada apenas como uma crise específica, em si mesma, desligada da situação geral do mundo capitalista. Uma tal crise reflecte, sem dúvida alguma, a crise do capitalismo norte-americano, mas não só—ela reflecte também a crise do capitalismo em geral.

As medidas anunciadas por Nixon visam, é certo, fazer pagar as dificuldades da economia norte-americana aos trabalhadores dos Estados Unidos quer pelo congelamento dos salários, quer por despedimentos em massa e cortes na assistência social pois, no que respeita aos grandes monopólios ser-lhes-ão proporcionadas novas e substanciais vantagens económicas pela diminuição duma série de impostos e outras facilidades. Mas não só. O governo dos Estados Unidos pretende que os países capitalistas seus associados e mais ou menos dependentes do capita-

lismo norte-americano, como é o caso de Portugal, paguem também as custas. O secretário do Tesouro John Connally foi claro a tal respeito:

«Penso que os outros países vão ter que reconhecer que enquanto nós sepormos os encargos de defender o mundo livre, eles terão de pagar para isso de uma maneira ou de outra».

Em relação aos países capitalistas seus parceiros, o governo norte-americano coloca assim o problema: vamos encerrar em certa medida as portas dos Estados Unidos às vossas mercadorias e queremos que abreis as vossas às mercadorias dos Estados Unidos.

Como já dissemos, o alarme foi grande mas como todos receiam ser arrastados na torrente duma crise norte-americana e o espectro do socialismo os assusta ainda mais, os governos capitalistas parceiros e mais ou menos dependentes dos Estados Unidos, não servindo os interesses nacionais dos respectivos povos, manobram, barafustam, falam em represálias mas, se bem que ainda não ao nível desejado por Washington, lá vão revalorizando as suas moedas e não se atrevem a pôr barreiras à entrada nos seus países das mercadorias americanas.

As contradições agudizam-se seriamente entre os países capi- (cont. na 5ª pág.)

Contra a carestia da vida

(cont. da 1ª pág.)

dades é imposto um consumo mínimo de 10 metros cúbicos e 10\$00 mensais pelo aluguer do contador.

O preço das rendas de casa é incomparável para os salários dos trabalhadores. Em Évora, por exemplo, oscilam entre os 2.000 e os 3.000\$00 por mês.

A qualidade dos tipos de pão tabelada, tal como o P.C.P. previu, é cada vez pior e muitas vezes não tem o peso oficial, o que de facto representou um aumento do preço. Mas de novo se começa a cantar a ária de que nada justifica a má qualidade do pão, que um dos principais objectivos do actual regime cerealífero consiste em garantir o fornecimento de pão de boa qualidade sem que disso resulte o aumento dos preços que anteriormente eram praticados. Como solução, promete-se a intervenção inérgica da I.G.A.E. contra os industriais de padaria. Estes, parodiando uma certa e reles propaganda turística, começaram a gritar que «temos tudo a lucrar se o pão for melhor», vindo logo alguns acrescentar que é necessário rever e reajustar os preços. Tudo indica, pois, que está na forja um novo aumento do pão, directa ou indirectamente pouco importa, mas aumento.

As preocupações do governo ante o flagelo do aumento do custo de vida, assim como as promessas para debelar o mal, noticiadas nos jornais de 4 de Agosto, não passam

mais uma vez de simples propaganda para entreter. Pois não disse M. Caetano ainda há pouco que o problema da alta dos preços é um fenómeno universal a que nenhum país resiste?

Nada, pois, há a esperar de Caetano e do seu governo. Os preços não só não baixarão como continuarão a subir. Paralelamente, o patronato e o governo tudo farão para congelarem os salários e ordenados.

A política de guerra colonial, de alianças bélicas no âmbito do Pacto do Atlântico, de defesa dos interesses e superlucros dos monopólios, seguida por M. Caetano, longe de melhorar a situação, agravá-la-á inevitável e enormemente.

Só uma verdadeira ofensiva geral das massas trabalhadoras por aumento de salários, coordenada com acções massivas das donas de casa e das massas populares nos mercados, nas ruas, junto das autoridades administrativas e do governo, nos sindicatos e outras organizações de massas contra a carestia da vida, pode contrariar a actual evolução da situação, arrancar concessões ao governo e obrigá-lo a sucessivos recuos.

Discutir em todo o lado, criar Comissões unitárias e outras nas empresas, nos mercados e nas ruas, organizar a luta, passar à acção imediata, eis uma tarefa da maior importância que se coloca aos homens, mulheres e jovens de vanguarda no momento presente.

ALARGA-SE A FRENTE DE LUTA pela restituição dos baldios às populações

Negando as acusações fundamentadas de toda a população de TALHADAS DO VOUGA, através dum officio da Secretaria de Estado da Agricultura o governo veio dar cobertura aos roubos e desmandos pelos Serviços Florestais em vastas regiões do País.

Tal não é para estranhar pois ninguém ignora que a prepotência é a própria essência do regime e é público e notório que o governo fascista, com Salazar ou com Caetano, é o principal responsável pela usurpação dos baldios às populações, quer através de decretos e leis, quer através de promessas que nunca foram cumpridas, quer deixando sem resposta ao longo dos anos centenas de exposições e reclamações dos povos lesados contra os Serviços Florestais.

Por isso, a resposta do governo não iludiu nem podia iludir as justas reclamações da população de Talhadas, cujo impeto combativo recusou-se. Em nova exposição assinada por todos os chefes de família desta freguesia, foram energeticamente reafirmadas as anteriores acusações e reivindicações, acrescidas de novas queixas.

Tão escandalosas são a prepotência e a impunidade dos Serviços Florestais e tão justificadas são as razões apresentadas pelo povo de Talhadas nas suas exposições que o próprio presidente da Câmara de Sever do Vouga lhes deu o seu pleno apoio numa circular dirigida ao governador civil de Aveiro. Do mesmo modo foi igualmente apoiada a exposição da Junta de Freguesia de PARADELA—a qual também reclamou a devolução dos terrenos de que foi desapossada—e manifestado o propósito de serem apoiadas por aquela Câmara todas as iniciativas no mesmo sentido que vierem a ser tomadas por outras entidades administrativas do concelho.

Seguindo o exemplo combativo de Talhadas, a freguesia de PRÉS-

TIMO (Águeda) entrou também em luta. Várias reuniões muito concorridas, algumas delas com a presença de delegados de Talhadas, tiveram lugar. Numa exposição com 700 assinaturas enviada a M. Caetano, a população em peso denuncia as graves consequências das arbitrariedades dos Serviços Florestais sofridas pela população: desaparecimento da criação de gado, diminuição da produtividade das terras, fome, miséria, emigração. A propriedade particular, tão cara ao regime, tem sido sistematicamente violada pelos Serviços Florestais. Dezenas de habitantes de Préstimo, Varziela, Cambra, Vale do Lobo, Sernadinha, Barrosa, Chouzinha, Chouza, Cimo da Corga, Mata, Ribeiro, Lourizela, Carvalhal e de muitos outros lugares foram total ou parcialmente expropriados pelo bando de salteadores dos Serviços Florestais. O que não tem impedido que o governo tenha continuado a embolsar as contribuições prediais que todos os proprietários dos terrenos usurpados nunca deixaram de pagar desde há mais de 30 anos.

Ao lado das populações de Talhadas e de Préstimo, na mesma frente de luta, todas as populações lesadas pelos Serviços Florestais devem insistentemente reclamar: **«Que os baldios voltem à posse dos seus legítimos donos!»**

A luta nas empresas

EDUARDO FERREIRINHA (Porto)—*Em virtude do patronato se recusar a pagar as horas extraordinárias com a percentagem devida, em quase todas as secções os operários recusaram-se a trabalhar aos sábados e fizeram GREVE ÀS HORAS EXTRAORDINÁRIAS durante a semana.*

A empresa procurou intimidar, chamando alguns operários à gerência. Em vão. A luta prosseguiu.

Na sua «conversa» de 15 de Junho passado, M. Caetano afive-lou a máscara de Goebels de triste memória e disparou a atoarda de que o descarrilamento do rápido do Porto, em 23 de Maio último, fora obra de sabotagem. Caetano procurava assim dar o tom para o desenvolvimento da ofensiva repressiva em curso contra o P.C.P., os trabalhadores e os democratas e justificá-la ao mesmo tempo ante a opinião pública. Porém, a sua miserável provocação pidesca falhou estrondosamente.

Sentindo-se seguro pelas forças repressivas, pelos altos comandos fascistas e pela censura, M. Caetano cometeu o erro grave de subestimar sobranceiramente a capacidade de discernimento e a maturidade política das massas populares. Só isso explica o facto de ele se ter antecipado ao conhecimento do resultado do inquérito sobre o desastre do rápido do Porto que, como é sabido, só dias depois seria entregue ao governo, e cujo conteúdo continua a ser ignorado do público.

M. Caetano precipitou-se. E porque se considera agora inconveniente contradizê-lo, de duas uma: ou se mete o resultado do inquérito na gaveta e não se fala mais nisso, ou se forja um outro resultado que corrobore a montagem provocatória apresentada ao povo português em 15 de Junho. M. Caetano e a sua PIDE já mostraram que são capazes de tudo,

desde as maiores mentiras aos piores crimes. As dificuldades são, porém, de monta pois, ainda o eco da «conversa» provocatória de Caetano não se tinha extinguido e já três novos desastres ferroviários, sem contar os acidentes menos graves, tinham lugar.

Em oito meses, quasi no mesmo local e à mesma hora, tiveram lugar três desastres. Não mostrará isto a incompetência da direcção da C.P. e do governo, que a escolheu e a mantém contra tudo e todos, e o desprezo de ambos pela segurança dos passageiros e dos bens da Nação? Não mostrará isto que muitos dos seus elementos devem prestar contas à justiça, serem metidos na cadeia como criminosos de direito comum e, em primeiro lugar, o próprio M. Caetano?

Do desastre de 1 de Agosto passado só por acaso não resultou uma nova e grande tragédia. E coisa não casual, em menos de três dias a comissão nomeada para inquirir das causas apresentou o resultado do seu trabalho que concluía estar afastada a hipótese de sabotagem. Como sempre, não são a incompetência da direcção da C.P., o mau estado da linha e do material as causas principais do desastre; estas filiam-se sempre nas «desatenções» dos simples empregados.

E no entanto os ferroviários, em Outubro de 1970, numa carta aberta aos presidentes da República e do Conselho desmascaravam, na base de factos, a incompetência e falcatruas da administração da C.P., chamavam a atenção para o mau estado de linhas e péssima qualidade do material, alertavam a opinião pública para tragédias inevitáveis que viriam a ter lugar, caso não fossem tomadas medidas energias e prontas.

Ouviram eles os ferroviários? Não. Em vez disso ordenaram às forças repressivas que metessem na ordem aqueles «subversivos».

Infelizmente, não foi preciso esperar muito. Dois meses depois um terrível acidente ferroviário provocava a morte de 13 pessoas, 35 feridos e grandes prejuizos materiais, concluindo-se macabramente que «a morte do maquinista eliminava a possibilidade duma aclaração. M. Caetano manteve-se silencioso. Era preciso encobrir os comparsas da C.P. O desleixo em relação à segurança apresentou-se tão claramente aos olhos de todos que tornou então impraticável atribuir o desastre a um acto criminoso de sabotagem.

De então para cá os acidentes ferroviários têm-se sucedido uns aos outros e novas vidas têm sido ceifadas ou arruinadas sem que M. Caetano sentisse necessidade de pronunciar uma palavra de pena e muito menos de anunciar quaisquer medidas para lhes pôr fim.

(cont. na 6ª pág.)

Morreu AGOSTINHO SABOGA

Indefectível e corajoso militante do Partido Comunista Português. Agostinho Saboga tinha sido hospitalizado há tempos em estado desesperado, vindo a falecer no passado mês de Agosto em Coimbra.

Longos anos de luta ardente nas condições difíceis da clandestinidade a que fora forçado pelas persiguições policiais; 14 anos passados nos cárceres fascistas, maus tratos sofridos nos antros da PIDE e nas prisões; falta de condições de tratamento dos males de que sofria e muitas vezes recusa de assistência médica e farmacéutica e de hospitalização mesmo no hospital-prisão de Caxias—eis as causas principais que contribuíram para apressar a morte do valeroso militante comunista que foi Agostinho Saboga.

Libertado havia pouco tempo bastante doente não pôde mais recuperar a saúde. Podemos dizer sem qualquer exagero que **é mais um dos melhores filhos do nosso povo que é liquidado pelo processo da morte lenta.**

Centenas de pessoas idas de vários pontos do país, em especial da Marinha Grande e Figueira da Foz, participaram no funeral do nosso camarada prestando assim uma última e justa homenagem ao militante revolucionário que soube sempre arrostar as dificuldades e os sacrifícios que a luta pela liberdade e o socialismo comportam manter-se fiel até ao fim da vida à causa da classe operária e ao seu Partido—o Partido Comunista Português.

PROMETALIZ (Leça do Balio)—A administração pretendeu iludir a justa reivindicação dos operários (pagamento fixo à 6ª feirinha, quinzenalmente) expressa num abaixo-assinado com 150 assinaturas, ou seja a quase totalidade dos operários. Para isso, apresentou uma contra-proposta à Comissão, mas esta não deu qualquer resposta sem consultar os trabalhadores. Numa reunião de todo o pessoal no refeitório, depois de discutirem a contra-proposta, os operários recusaram-na por esmagadora maioria. Desta forma conseguiram ver satisfeita a sua reivindicação.

SONAFI (Porto)—*Pressionada pela acção dos operários, a administração prometeu aumento para princípios de Junho. Porém, o aumento que veio, da ordem dos 7-8500 diários em média não satisfiz ninguém.*

Se em vez de terem ficado passivamente à espera do aumento deixando a fixação do mesmo ao critério da administração, os trabalhadores tivessem decidido entre todos sobre o aumento a reclamar e se, unidos e firmes, tivessem manifestado a sua disposição de passar a outras formas de acção para impôr o aumento reivindicado, o patrão teria sem dúvida sido obrigado a abrir mais os cordões à bolsa.

Os trabalhadores não podem deixar os seus problemas à consciência dos patrões, a qual é movida apenas pela sede de maior exploração e maiores lucros. Os trabalhadores só podem confiar na força da sua razão e na força da sua luta organizada, firme e tenaz.



LEVAR POR DIANTE O MOVIMENTO SINDICAL

(cont. da 1ª pág.)

os bancários, num momento em que estes lutavam intransigentemente em defesa dos benefícios da previdência que o patronato lhes quer roubar e por um novo C.C.T. que dê resposta às suas reivindicações fundamentais, tinha este objectivo imediato: varrer do seu caminho as direcções sindicais que com energia e firmeza defendiam os interesses dos trabalhadores e substituí-las por Comissões Administrativas, simples joguetes nas mãos do governo e dos banqueiros com os quais estes esperam solucionar a seu contento os problemas da previdência e do C.C.T.

Por isso os trabalhadores levantaram-se como um só exigindo a libertação do dirigente Daniel Cabrita, em defesa das direcções eleitas e contra as Comissões Administrativas que o governo e os banqueiros lhes querem impôr.

Em Lisboa, delegados sindicais reúnem-se na sede do Sindicato, afirmam-se solidários com a direcção suspensa e decidem que no exercício das suas funções sindicais não praticarão qualquer acto que os possa identificar com os designios da Comissão Administrativa.

No Porto, numa reunião de associados e num abaixo-assinado com mais de 1.000 assinaturas, os trabalhadores reafirmam a sua confiança aos dirigentes substituídos aprovando a iniciativa do presidente da Assembleia Geral que os empossou nas suas funções após a destituição da direcção efectiva. São estes os legítimos representantes dos trabalhadores pois foram por eles eleitos e o I.N.T.P. tinha homologado esta eleição.

Esta réplica rápida dos trabalhadores provocou o nervosismo e a desorientação dos banqueiros e dos seus serventuários do I.N.T.P. no Porto que se apressaram a requerer a suspensão preventiva da direcção do Sindicato antecipando-se à nota oficiosa publicada dias depois. Por outro lado, depois duma roda-viva de perto duma semana, em que procuraram em vão encontrar entre a massa dos trabalhadores quem se dispusesse a vender-se por um prato de lentilhas, o I.N.T.P. e os banqueiros tiveram de recorrer aos seus laços para as suas Comissões Administrativas. Tais rafeiros, que estão tentando iludir os trabalhadores, merecem apenas o seu desprezo.

Também os dirigentes do Sindicato dos Bancários de Coimbra, com o seu silêncio, estão prestando um ótimo serviço ao patronato e ao governo. A cobardia impediu-os de cumprir o seu dever de solidariedade para com os seus colegas atingidos pela repressão. O menos que lhe cumpria fazer era pedir a demissão. Não o tendo feito, e através de todo o seu comportamento, revelaram-se indignos como representantes dos trabalhadores e indignos como homens e só como traidores podem ser considerados.

Sob o colete de forças da «legalidade» caetanista

A vaga repressiva que se abate sobre os bancários, tal como os abusos e arbitrariedades sem conta que continuam a atingir os tra-

balhadores noutros sectores profissionais são um aspecto da «legalidade» caetanista. Para os trabalhadores, tal «legalidade» constitui um verdadeiro colete de forças que apenas a sua acção unida, insistente e corajosa poderá fazer rebentar.

O julgamento do processo de suspensão dos 3 dirigentes metalúrgicos de Lisboa, marcado para 17 de Junho, foi adiado «sine die» pois o juiz resolveu não comparecer por motivo de «doença».

Assim o Tribunal do Trabalho arrasta a seu belo prazer uma situação que apenas o patronato favorece. Assim o governo caetanista procura adormecer a vigilância combativa dos metalúrgicos preparando o terreno para futuros golpes.

Mas os metalúrgicos saberão fazer fracassar esta manobra de diversão reunindo-se para escolher com antecedência os candidatos da lista da classe para uma previsível nova direcção.

No Sindicato dos empregados de escritório de Coimbra, onde a direcção merecia a confiança dos trabalhadores e derrotara a lista dos patrões nas últimas eleições, foi imposta uma Comissão Administrativa por despacho do Subsecretário do Trabalho sem a mais pequena justificação.

Em vários Sindicatos, a presença da polícia nas Assembleias, que a própria lei fascista não permite, e nas imediações dos locais das reuniões, torna-se dia a dia mais frequente.

Várias assembleias, como a dos Caixeiros de Lisboa e reuniões inter-sindicais são arbitrariamente proibidas no meio de grande aparato policial. A reunião inter-sindical marcada para 20 de Junho no Sindicato dos empregados de escritório de Lisboa deu lugar ao aparecimento em força da polícia de choque e à ocupação policial de todos os andares do edifício onde se encontra o Sindicato.

A G.N.R. intervem para impedir

que os trabalhadores se reúnem e discutam os seus problemas com os dirigentes sindicais, como aconteceu recentemente aos operários da FERFOR (Serrinha-Amarante) que se concentraram em número de 200 e apesar da intimidação policial permaneceram unidos até à chegada dos seus dirigentes sindicais vindos do Porto.

É à sombra desta «legalidade» que o patronato vem exercendo toda a espécie de represálias sobre os trabalhadores que mais se destacam na acção sindical, como sucedeu há pouco na SEPSA (Porto), RIOPEL (Famalicão), OLIVEIRA & FERREIRA (Riba de Ave), etc.

A «legalidade» caetanista resume-se, pois, neste critério: tudo o que os trabalhadores façam em defesa dos seus interesses vitais, mesmo dentro da lei, é ilegal. Tudo o que é favorável aos interesses egoístas do patronato, mesmo quando este e o governo espezinham as próprias leis fascistas, é «legal».

Por novos C.C.T. em novas condições

A amplitude da luta dos trabalhadores por novos C.C.T. demonstra só por si que, apesar da repressão e das constantes arbitrariedades e sujas manobras do governo e do patronato, os trabalhadores ganharam posições no terreno da luta sindical a par da satisfação de algumas das suas reivindicações.

Nos tempos letárgicos dos Sindicatos Nacionais, a que o governo e o patronato sonham voltar, os C.C.T. eram praticamente impostos aos trabalhadores através de negociações secretas com direcções-laciais, postas nos Sindicatos apenas para atrair os interesses dos trabalhadores que diziam representar.

Esta situação, infelizmente, está longe de ser vencida. Porém, o que há de novo e característico no momento actual e que o patronato e o governo não podem supor-

tar, é a participação massiva dos trabalhadores na elaboração e discussão dos C.C.T.

Desta forma, depois de amplas reuniões e assembleias, os C.C.T. actualmente vão quase todos até à última fase—a arbitragem—o que significa que o patronato não pode impôr totalmente as suas condições e é muitas vezes forçado a dar maiores regalias.

A tal respeito, a luta dos metalúrgicos é um exemplo a seguir.

Na base da actividade positiva de direcções sindicais honestas, da acção combativa de Comissões sindicais em vários centros do País e da opinião de muitos milhares de metalúrgicos expressa em Assembleias dos Sindicatos e em reuniões, foi elaborado o projecto do novo C.C.T. dos metalúrgicos.

As direcções sindicais dos metalúrgicos de Aveiro, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Leiria, Portalegre, Porto, Santarém e Viseu, vendo que a tentativa de conciliação terminara há tempo sem que o governo tivesse feito um único gesto para a nomeação do árbitro-presidente, reclamaram que esta tivesse lugar rapidamente, num officio ao Secretário de Estado do Trabalho.

A elevada consciência de classe dos metalúrgicos esteve também patente em acções como a dos operários da SONAPI (Porto) que reivindicaram do patronato a imediata satisfação de algumas regalias contidas no projecto do C.C.T. através dum abaixo-assinado **subscrito por 400 operários.**

A luta por novos C.C.T. tem que prosseguir, estreitamente ligada à luta nas empresas por aumento de salários e outras reivindicações imediatas, e à luta por direcções honestas e em defesa das mesmas, contra os traidores e os laços das Comissões Administrativas.

Adiante na luta para fazer fracassar a ofensiva do governo e do patronato, para levar por diante o movimento sindical!

EM SOCORRO DOS PRESOS POLÍTICOS!

A morte recente de Agostinho Saboga é como um grito de alarme e um apelo lançado às massas trabalhadoras, aos estudantes e intelectuais, às mulheres, a todos os democratas para se mobilizarem e actuarem sem perda dum instante em defesa dos presos políticos.

As torturas violentas ou refinadas, como são os espancamentos e a tortura do sono, aplicadas aos presos pelo bando da PIDE-DGS, sob o comando directo de M. Caetano e Gonçalves Rapazote, são a primeira etapa dum processo visando a liquidação lenta de presos políticos.

Entregues a carcereiros especialmente treinados para o efeito, as outras etapas de liquidação lenta seguem-se nas prisões através de longos anos de encarceramento. Provocações diárias, castigos constantes em condições atrozes, agressões, má alimentação, más ditas ou completa ausência delas, meios-tratamentos em caso de doença ou mesmo recusa aos mes-

mos, sob a superintendência de médicos e enfermeiros serventuários da PIDE-DGS e todo o ambiente prisional, tudo obedece a um plano friamente traçado para arruinar passo a passo, irremediavelmente, a saúde dos presos.

Era assim no tempo do ditador Salazar. É assim hoje com o ditador Caetano.

Vítimas deste plano tenebroso, são hoje António Dias Lourenço, Joaquim Pires Jorge, Blanqui Teixeira, António Gervásio, José Magro, Ilídio Esteves, Angelo Veloso, Diniz Miranda, Canais Rocha, Rogério de Carvalho, Domingos Abrantes, Jorge Araújo, Guilherme da Costa Carvalho, Manuel Pedro, Cabral de Matos, Ursula Machado e muitos outros.

No momento presente, o caso de **Rogério de Carvalho** é dos mais preocupantes. Há meses e meses que se reclama o seu internamento num hospital em condições de liberdade para ser tratado duma grave perturbação nervosa. O go-

verno e a PIDE mantêm-se surdos e entretanto o estado de Rogério de Carvalho vai-se agravando correndo o risco de chegar à loucura. É isto que esperam Caetano-Rapazote-Silva Pais para o pôrem em liberdade? O caso de Agostinho Saboga dá a resposta.

Este designio criminoso não pode ser consentido pelas massas trabalhadoras e os antifascistas portugueses. **É preciso actuar imediatamente e em massa para libertar Rogério de Carvalho, para o salvar!**

É preciso actuar sem perda de tempo junto do governo, tribunais e outras autoridades, por meio de representações, exposições, cartas, telegramas, manifestações públicas, etc., reclamando a libertação imediata de todos os presos doentes, de todos os presos cumprindo as celeradas medidas de segurança, uma **amnistia geral.**

É preciso actuar sem perda de tempo para salvar os presos políticos!



MENSAGEM DE SAUDAÇÃO

DOS COMUNISTAS E TRABALHADORES

— **UM ORGANISMO DE TRABALHADORES DO PORTO DO P.C.P.** saúda os tipógrafos clandestinos dizendo: «Vossa luta e nossa. Vós fazéis, nós distribuimos. Lado a lado contra o fascismo».

— Numa mensagem dirigida ao «AVANTE!», por 10 MILITANTES DO PARTIDO lê-se: «Na data em que o nosso querido Partido comemora o seu 50º aniversário, saudamos carinhosamente todos os camaradas das tipografias clandestinas, inclinados perante o seu exemplo de coragem, dedicação e espírito de sacrifício, a quem endereçamos as nossas mais ardentes saudações.»

«A todos os outros militantes que estiveram e permanecem ligados à criação e à vida do «AVANTE!» manifestamos o nosso mais profundo respeito e amizade, afirmando que temos em alto apreço a sua valiosa participação como construtores de um órgão de características verdadeiramente proletárias, órgão que interpreta tudo quanto há de mais nobre e belo.»

— Na sua mensagem, um ORGANISMO DO SECTOR ESTUDANTIL DE COIMBRA afirma: «No campo de acção que nos está destinado tudo faremos para unir os estudantes na

luta contra as manobras e o terror cultural dos fascistas, pela cultura e instrução democráticas; contra a repressão, pelas liberdades democráticas; contra a guerra colonial, pela independência dos povos das colónias; contra o imperialismo, em particular os blocos agressivos e racistas da NATO e da «África branca», pela segurança dos povos.»

— Um ORGANISMO DO SECTOR ESTUDANTIL DO PORTO salienta na sua mensagem a sua determinação de desenvolver «um sindicalismo esclarecido e um amplo movimento democrático, reforçando e alargando a organização partidária e dando combate incansável quer na teoria quer na prática aos radicalistas pequeno-burgueses».

Também chegaram até nós mensagens de saudação e de solidariedade de «Um grupo de comunistas da R.D.A. — estudantes do 2º curso do Instituto de Medicina em Moscovo» e «moções aprovadas em sessões comemorativas do 50º aniversário do PCP por dezenas de militantes e simpatizantes do Partido na cidade francesa de Boulogne-Billancourt, por 450 portugueses em Paris e por estudantes portugueses e da R.D.A. em Moscovo.»

DOS PARTIDOS IRMÃOS

PARTIDO UNIFICADO DOS COMUNISTAS HAITIANOS: A saudação do C.C. salienta que «o P.C.P. demonstrou que é indestrutível por ser a única força política capaz de definir em Portugal um Programa construtivo e coerente, realista e revolucionário, respondendo aos problemas fundamentais do país», manifesta a simpatia e a admiração dos comunistas haitianos pelos 50 anos de existência do P.C.P. e o seu apreço pelo esforço do nosso Partido com vista ao restabelecimento da unidade do movimento comunista internacional e pela solidariedade manifestada aos povos coloniais, designadamente os que estão submetidos ao jugo do colonialismo português.

PARTIDO COMUNISTA MARTINIQUE: Assinada em nome do CC pelo secretário-geral, camarada Armand Nicolas, a mensagem sublinha que na luta conduzida há 45 anos na clandestinidade contra o regime fascista, «o P.C.P. tornou-se o guia proado dos trabalhadores, o promotor da unidade antifascista». E mais adiante: «Nos martiniquenses, oprimidos pelo colonialismo francês, apreciamos altamente o apoio que dáis à luta dos povos de Angola, Guiné e Moçambique pela sua independência».

PARTIDO DA LIBERTAÇÃO E DO SOCIALISMO DE MARROCOS: Da mensagem, assinada pelo secretário-geral, camarada Ali Yata, destacamos: «O nosso Partido suscita a admiração pela coragem e tenacidade que dáis provas, resistindo durante 45 anos de clandestinidade total a todas as acções de extermínio tentadas pelos fascistas que mantêm o vosso povo e vários povos africanos sob a sua dominação, conduzindo bem alto a bandeira da liberdade, da democracia, da fraternidade e do in-

ternacionalismo proletário». E mais adiante: «Prestamos homenagem às numerosas provas de internacionalismo proletário e de anti-imperialismo que tendes dado levantando-vos ao lado de todos os povos oprimidos, do povo do Vietnã aos povos árabes, e em particular dos povos de África oprimidos pela nossa própria burguesia, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau».

PARTIDO GUATEMALTECO DO TRABALHO: Na sua mensagem, o C.C. deste Partido manifesta os sentimentos de simpatia, admiração e carinho com que os comunistas guatemaltecos sempre viram «a heroica luta do P.C.P. contra a repressão fascista e pela libertação do seu povo». E acrescenta: «Também sabemos que o nosso Partido é um dos que tem uma mais longa história de luta clandestina e esta luta — luta valente, tenaz, perseverante, que só os comunistas de tempera podem levar por diante e aguentar — estimula a luta do nosso próprio Partido que, em 21 anos de existência, também teve que passar a maior parte — dezasseis anos — da sua actividade no rigor da vida clandestina no interior do país.»

PARTIDO COMUNISTA DA COLOMBIA: Depois de pôr em relevo as ferozes perseguições a que o P.C.P. tem sido submetido durante 45 anos dos 50 anos da sua existência, a mensagem afirma: «A frente da classe operária e das massas trabalhadoras da cidade e do campo, gozando de vasta influência entre a juventude e os intelectuais, o P.C.P. tem sido a força motriz das grandes lutas pelos interesses fundamentais da população laboriosa, contra a exploração capitalista, contra a submissão ao imperialismo, contra o colonialismo português».

No 50º aniversário do P.C.P.

AGITAÇÃO: Aproveitando os tradicionais festejos da noite de S. João, no Porto foram distribuídas e coladas em vários locais 2.000 targetas com a foice e o martelo e os seguintes dizeres: «50º P.C.P.», «Avante na luta contra o fascismo, a guerra colonial e o imperialismo».

Também foram feitas grandes inscrições a nitrato em Custóias, Rio Tinto, S. Caetano e outros locais, dizendo «50º P.C.P.» e com a foice e o martelo desenhados, seguindo-se diferentes palavras de ordem contra a censura, a guerra colonial e o aumento do custo de vida.

NAS PRISÕES FASCISTAS, os comunistas não esqueceram o 50º aniversário do seu Partido comemorando-o de diversas formas.

A crise do dólar

(cont. da 2ª pág.)

talistas, é inevitável e cada vez mais visível aos olhos das massas populares, mas o medo vai adiando o grande estorbo.

São de esperar, por isso, dos governos desses países incluindo o de Portugal novas medidas anti-operárias, contra os interesses dos trabalhadores em geral, para que sejam estes a pagar as custas duma crise filha do próprio sistema capitalista e agravada pela política agressiva do imperialismo conduzida pelos círculos governantes dos Estados Unidos.

CAMPANHA DE FUNDOS

50º aniversário P.C.P.

Transporte	884.368\$80	lhos (P)	3.750\$00
Camaradas emigrantes	150\$00	Lib. p. Blanqui	80\$00
Catarina Eulália	50\$00	Teixeira	80\$00
Idem (3)	30\$00	M. Rodrigues da Silva	50\$00
Dias Coelho	1.100\$00	Maria Machalida	500\$00
Dum fato macaco	500\$00	Marselhesa	325\$00
Flores de Maio (P)	2.375\$00	Marx Engels	500\$00
Hungria Socialista	65\$00	Lenine (P)	500\$00
Jovens (AU)	2.650\$00	Pinheiro Vermelho	50\$00
Jovens Verme-		Rogério de Carvalho	300\$00
		Soeiro Pereira Gomes	12.600\$00
		Idem	2.400\$00
TOTAL:			911.963\$80

RECTIFICAÇÕES:

No «Avante!» 431, onde se lê: Amigo bolchevique 455\$00, deve ler-se: Geólogo bolchevique 465\$00.
No «Avante!» 432, onde se lê: Lenine (5) 1.000\$00, deve ler-se: Lenine (5) 5.000\$00 e na rubrica pelo 50º PCP (b) 45\$00, ter (AB) e não (b).

RÁDIO PORTUGAL LIVRE Voz do P.C.P.

Transmite diariamente das 8 às 8,30 em 19 metros, das 19 às 21 horas em 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,30 às 0,50 em 26, 32 e 38 metros, aos domingos, transmite ainda das 13 às 13,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

UMA INFÂMIA HISTÓRICA

Num gesto de inaudita prepotência, e comportando-se como donos e senhores do património histórico de Portugal, o governo fascista de M. Caetano presenteou a camarilha reaccionária do general de Medici com os restos mortais de D. Pedro IV.

O povo português não foi consultado. O governo caetanista nem sequer se deu ao incómodo de expor o problema na chamada Assembleia Nacional que tinha acabado de satisfazer zelosamente a encomenda do governo aprovando a seu conteúdo as leis sobre a revisão da Constituição, sobre a «liberdade de imprensa» e sobre a «liberdade religiosa».

E no entanto esta sordida transacção entre os regimes opressores de Portugal e do Brasil já há muito vinha sendo negociada nas costas dos povos dos dois países, com a multiplicação de trocas de visitas e de condecorações entre representantes dos dois governos à sombra da apregoada «comunidade luso-brasileira».

M. Caetano preparara o terreno ao anunciar numa «conversa em família» a decisão do governo de participar nas comemorações do 150º aniversário da independência do Brasil. A Tomás foi pouco depois encarregado por aquele de informar o povo português do facto consumado.

Vemos assim um governo de colonialistas fanáticos, que conduzem uma guerra criminosa contra os povos de Angola, Guiné e Moçambique em luta pela sua li-

bertação, vestirem por momentos a máscara de paladinos da independência dos povos e, conluídos com os seus comparsas do governo do general Medici, especularem cinicamente com os sentimentos patrióticos dos povos de Portugal e do Brasil, jogando com a memória dum rei que apesar de todos os seus defeitos desempenhou um papel progressista no seu tempo.

O caudal de inflamadas frases pseudo-patrióticas com que ambiciosos governos reaccionários pretendem iludir os respectivos povos e a opinião pública em geral é impotente para esconder a infâmia histórica que estão cometendo.

E nesta base que assenta o «enriquecimento» e o «fortalecimento» da chamada comunidade luso-brasileira, comunidade de dois regimes opressores que cada um explora a seu modo para melhor servir os seus desígnios anti-populares.

A transladação dos restos mortais de D. Pedro IV para o Brasil, concertada no preciso momento em que o governo fascista de M. Caetano desencadeia uma vaga de terror contra os comunistas, os trabalhadores e as forças democráticas em geral, e o governo reaccionário do general Medici, responsável pelo assassinato recente de dezenas de revolucionários, por prisões em massa de trabalhadores e democratas e por uma encarniçada perseguição aos comunistas, é um insulto aos povos português e brasileiro.

COMUNICADO CONJUNTO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA E DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (Agosto de 1971)

O membro do Bureau Político do CC do PCUS e secretário do CC Andrei Kirilenko recebeu na sede do CC do PCUS uma delegação do PCP composta por Alvaro Cunhal, secretário geral do Partido e Octávio Pato, membro do CC.

Nas conversações realizadas, Andrei Kirilenko informou a delegação do PCP sobre o desenvolvimento na União Soviética do trabalho para a concretização das resoluções do XXIV Congresso do PCUS, sobre as perspectivas do desenvolvimento da sociedade socialista soviética no caminho do comunismo, sobre a política externa da União Soviética visando a consolidação da paz e da segurança dos povos e o apoio às forças que lutam contra o imperialismo.

A delegação do PCP afirmou que os comunistas portugueses têm em alto apreço os êxitos do povo soviético na construção da sociedade comunista, a política externa da União Soviética e a actividade do PCUS, que dá uma contribuição decisiva à causa da luta dos povos pela liberdade, pela independência nacional, pela paz e pelo socialismo. A delegação do PCP sublinhou o significado internacional do XXIV Congresso do PCUS, assinalando que a concretização das suas resoluções dará uma contribuição valiosa ao desenvolvimento do processo revolucionário mundial.

Os representantes do PCP falaram sobre a situação política em Portugal, sobre os esforços do Partido para a unidade de acção da classe operária e das forças democráticas e os êxitos alcançados nesse sentido, sobre a luta do povo português contra a ditadura fascista contra a guerra colonial, pelas liberdades democráticas, pela saída de Portugal da OTAN, pela verdadeira independência de Portugal.

A delegação do PCP sublinhou que, considerando a luta das massas populares como direcção fundamental da sua actividade, o Partido utiliza várias formas de luta visando o derrubamento da ditadura fascista que existe em Portugal com o apoio das potências imperialistas.

Nas conversações foi sublinhado que o PCUS tem em alto apreço a actividade do PCP. Expressando a compreensão pelas difíceis condições nas quais são forçados a actuar os comunistas portugueses, os representantes do PCUS reafirmaram o apoio fraternal à sua corajosa luta pela causa da classe operária e de todos os trabalhadores, pela libertação do país do jugo do regime fascista e pelo estabelecimento duma sociedade democrática. Os representantes do PCUS manifestaram os seus sentimentos de solidariedade aos comunistas portugueses que se encontram nas prisões.

No decorrer das conversações foi sublinhada a plena unidade de pontos de vista e de posições de ambos os partidos em relação às questões actuais da política internacional. Os representantes do PCUS e do PCP assinalaram que a tendência fundamental do desenvolvimento do processo revolucionário mundial se caracteriza pelo reforço das posições do sistema socialista mundial, pela consolidação do movimento comunista e operário internacional, pela agudização da luta de libertação nacional dos povos, por um lado, pelo enfraquecimento das posições do imperialismo e do colonialismo.

Os representantes do PCUS e do PCP consideram como tarefa da maior importância de todas as forças amantes da paz pôr fim à agressão dos EEUU contra os povos da Indochina. Foi manifestado um firme apoio à luta dos povos árabes pela liquidação das sequelas de agressão de Israel apoiado pelos círculos imperialistas e pela reacção internacional.

O PCUS e o PCP manifestam-se enérgicamente pela cessação da criminoso guerra colonial que os imperialistas portugueses travam em África, pela concessão da independência aos povos das colónias portuguesas designadamente Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Em nome do PCUS e do PCP foi manifestada solidariedade aos comunistas e democratas do Sudão vítimas da repressão sangrenta. Nas conversações foi sublinhado que, nos países que se libertam, o anticomunismo só pode prejudicar a sua luta contra o imperialismo, a independência desses países e a causa do progresso social.

Os representantes do PCUS e do PCP sublinharam a importância do reforço da segurança europeia e o papel que a opinião pública progressiva e amante da paz pode desempenhar para se alcançar esse objectivo.

Nas conversações foi sublinhado o significado decisivo da coesão do movimento comunista e operário internacional e de todas as forças democráticas e anti-imperialistas. O PCUS e o PCP sublinharam a sua fidelidade à linha do movimento comunista internacional elaborada na Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários de 1969, e manifestaram a sua firme decisão de prosseguir consequentemente juntamente com os outros partidos irmãos a luta pelo reforço da unidade do movimento comunista internacional na base do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário, e a luta pela paz, pela democracia e pelo socialismo. Ambos os partidos consideram que a luta para se alcançar a unidade de pensamento exige uma

acção conjunta contra a propaganda e a ideologia burguesa inimiga, uma decidida resposta ao oportunismo de direita e esquerda, a colaboração na elaboração colectiva das questões teóricas.

Os representantes do PCP declararam que o PCP combate e continuará a combater decididamente qualquer manifestação de anti-soviétismo onde quer que ele se manifeste. O PCP condena o anti-soviétismo como contrário aos interesses mais profundos da classe operária, aos princípios do internacionalismo proletário e aos interesses da luta mundial

contra o imperialismo.

Os representantes de ambos os partidos manifestaram a sua confiança em que as relações de amizade fraternal tradicionalmente existentes entre o PCUS e o PCP continuarão a desenvolver-se ulteriormente na base dos princípios do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário.

No encontro tomou parte o vice-presidente da secção internacional do CC do PCUS V.C. Chapochnikov.

O encontro decorreu num ambiente de amizade fraternal e de cordialidade.

O P.C.P. SAUDA PARTIDOS IRMAOS

Pelo C.C. do P.C.P. foram enviadas a vários partidos irmãos mensagens de saudação que a seguir resumimos:

AO 8º CONGRESSO DO PARTIDO SOCIALISTA UNIFICADO DA ALEMANHA: *A mensagem pôe em destaque os notáveis sucessos alcançados nos domínios do desenvolvimento económico, social e cultural, a criação no coração mesmo da Europa dum seguro bastião das forças da Paz e do Progresso «eto inquebrantável da poderosa comunidade socialista» e as conquistas e realizações históricas da classe operária e de todo o povo da República Democrática Alemã, sob a direcção do seu partido marxista-leninista. E acrescenta: «Para os comunistas e trabalhadores de Portugal que lutam nas condições particularmente difíceis duma ditadura fascista e do domínio imperialista—no qual têm ajudado os monopólios e militarismo oeste-alemão—a República Democrática Alemã é um exemplo vivo e inspirador da superioridade do socialismo». E mais adiante: «Os comunistas portugueses, que sempre encontraram na parte do P.S.U.A. uma solidariedade activa e fraternal, estão certos de que se reforçarão ainda mais no futuro os laços de amizade e colaboração entre os nossos dois partidos».*

AO 11º CONGRESSO DO PARTIDO VANGUARDA POPULAR DE COSTA RICA: *Fazendo votos pelo pleno êxito do Congresso, a mensagem acentua que ele «será um novo marco na luta que travais ininterruptamente desde há 40 anos pela defesa dos interesses vitais das massas laboriosas, pela verdadeira independência, pela democracia, pelo socialismo».*

NO 50º ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA MARTINIQUESES:

Os desastres ferroviários

(cont. da 3ª pág)

Em vez disso, sob orientação do seu governo, a C.P. dispendeu centenas de contos, se não milhares, na organização dum «comboio histórico» composto de velharias para turista se divertir.

Outras velharias mais antigas, porém, menos tratadas, como locomotivas de 1904, 1905, 1908, e até uma de 1886, continuam a arrastar-se transportando pessoas e mercadorias, talvez para na base de previsíveis desastres M. Cactano, Rapazete e a PIDE-DGS tentarem organizar novas provocações contra o P.C.P. e o movimento democrático.

Da saudação enviada destacamos o seguinte passo: «Durante este meio século de luta pelos interesses vitais dos operários, contra o capitalismo e o regime colonial em Martinica; fazendo face à repressão que várias vezes se desencadeou contra nós e as massas; dando firme réplica aos revisionistas e lutando pela pureza dos princípios do marxismo-leninismo e sua aplicação criadora às novas condições da luta revolucionária—os comunistas martiniquenses edificaram o seu Partido, colocando-o na vanguarda do combate pela democracia, a independência nacional e o socialismo na Martinica».

NO 5º ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA DO CANADÁ: *A mensagem afirma designadamente: «Conhecemos a activa contribuição que o Partido Comunista do Canadá sempre tem dado tanto no plano nacional como internacional à luta dos povos pela paz, contra o imperialismo e o fascismo. Na luta difícil que travamos há 45 anos contra a ditadura fascista, nós próprios temos recebido numerosas provas de solidariedade do Partido Comunista do Canadá. Esta solidariedade actuante reforça ainda mais os fortes laços de amizade que unem os nossos dois partidos».*

A Juventude Italiana solidária com o povo português

No mesmo dia em que os imperialistas da OTAN, se reuniam em Lisboa, manifestando assim o seu apoio à política colonialista do governo português, cerca de 400 jovens italianos, ao apoio da Juventude Comunista Italiana, num comício seguido de manifestação de rua, solidarizaram-se com a luta do povo português e dos povos coloniais.

Um representante das forças antifascistas e anticolonialistas do nosso País presente no comício, foi recebido com intermináveis aplausos e gritos de apoio à luta do povo português e dos povos coloniais.

Após o comício, todos os jovens se concentraram diante dos Consulados português e americano. Um jovem italiano fez um breve discurso de condenação do fascismo e do colonialismo português, ouvido por centenas de pessoas que entretanto se foram concentrando naquela zona. A manifestação culminou com gritos de «Abaixo o fascismo», «Cactano assassino», «Viva a luta do povo português», «Abaixo as guerras coloniais», «Não à NATO».

Foi uma grandiosa manifestação de solidariedade, uma bela jornada de luta contra o fascismo, o colonialismo e o imperialismo.